

Festa dos Caretas *

(Fonte: O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 186.)

Sexta-feira da Paixão em Jardim. São nove horas da manhã e a cidade está coalhada de pequenos altares frente às casas. Mesinhas cobertas de branco que aguardam, silenciam, anseiam pela passagem da Via-Sacra saída da Igreja anunciando o calvário do Senhor. Finda a Via-Sacra, um ruído alegre chega. Por todos os lados. Badalando. Não são sinos. “É o dia do ato penoso da Paixão”. Não se pode tocar sino, mas são chocalhos que badalam que matracam no ritmo do molejo dos quadris, que passam perdurados em cinturões de couro atados à cintura, que são a marca registrada de estranhas figuras mascaradas que povoam a Santa Semana em Jardim.

As mais estranhas caras, cara de tapete de couro, cara de couro de tiú, cara de couro de tamanduá, cara de saco, cara de surrão, cara de caixa de papelão, cara de camisa pintada, cara de borracha, cara de Hulk, cara de ninja, cara de fantasma, cara de caveira, cara de bananeira e tem até cara de Guerra nas Estrelas. E para enfeitar a cara, tem cabelos de Wanderléia, óculos escuros e chapéu, paletó e gravata, macacão, tecido colorido, colchas e farrapos. Cada um inventa sua nova cara, se mascara e se chama de careta. É a Festa dos Caretas.

Tem quem sinta saudade de antigamente. Do tempo do eu-menino-que-tem-medo-de-careta. “De premero não tinha um menino perto do careta. Quando via um careta, parece que via era o cão. Do tempo que o careta andava com uma macaca (chicote) e bastava à gente bulinar com ele gritando: careta, a rabichola caiu, que eles partiam com a macaca pra riba da gente. Aí o caba pode descolar as pernas porque se o cabra não for corredor, apanha muito .”

Tem quem sinta saudade do tempo de antigamente, mas a maioria é unânime em concordar que a cada ano que passa a festa é maior e mais bonita. Antes a festa era só na zona rural, de quatorze anos para cá a festa ganhou a cidade. Hoje tem festa no campo e na cidade, a caretada do campo desce para brincar na cidade. O negócio é comer, brincar, roubar e palestrar.

É Sexta-feira da Paixão e ao anoitecer sai a procissão do Cristo Morto. Nenhum careta na rua. Nenhum chocalho, apenas a matraca, apenas a irmandade do Santíssimo fazendo companhia às dores em seu manto roxo vendo o filho em frente deitado, morto. Uma banda soleniza a procissão marcando o compasso de cortejo fúnebre. Cai uma chuva fina, a rua fica lotada de guarda-chuvas, em sua grande maioria negros, guardando o luto do Criador. Às seis e meia, as imagens retornam, ficam expostas na Igreja de Santo Antônio, as pessoas entram e beijam o sofrimento de Jesus e Maria. Depois a matriz cerra as portas e só abrirá na passagem do sábado para o domingo.

No sábado de noitinha, a rua está calma, a lua está nascendo, é cheia. Os andores com os Judas já estão em frente à Associação dos Caretas. Aguardam ansiosos a tão esperada procissão. Tem sanfoneiro, zabumbeiro, pandeiro e triângulo. Tem porta-estandarte, carro de som e não faltam os caretas para carregarem o compadre Judas para uma voltinha na cidade. Quando volta, o Judas assume a posse do seu sítio. Fica no mastro, hasteado, olhando a cidade do alto, aguardando o calvário.

E é só às cinco e meia da tarde que o Judas e os caretas sairão pela última vez da cidade. O cortejo é semelhante ao da noite anterior, muito

animado, cheio de caretada, música e chocalho. De volta ao sítio, é lido o testamento de Judas que vai deixando um a um seus pertences. Depois é enforcado, e cai das alturas. Seu corpo é esfaçalhado. O Judas é comungado pelos caretas, um pouco do traidor-traído fica com cada homem. Fim de festa. Caem as máscaras, somem os caretas, voltam os homens. Mais uma vez a cidade foi testemunha da forte significação social desta tradição do Cariri.

* O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 186.